

## **ELABORAÇÃO DE RECURSOS DIDATICOS EM GEOGRAFIA COMO INSTRUMENTO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**ANDERSON WEBER PEREIRA<sup>1</sup>; GABRIELA KLERING DIAS<sup>2</sup>; ROSANGELA LURDES  
SPIRONELLO<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – andyweber20@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – gabikdias@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – spironello@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

No que tange o ensino de geografia, se faz extremamente necessário a diversificação de técnicas que auxiliem o ensino, a fim de aproximar a realidade, o posicionamento crítico e o conteúdo programático ao aluno na escola. Além disso, é sabido sobre as heranças que o ensino tradicional mantém na educação em geografia como consequência histórica, política e social.

Nesse contexto, conforme as reflexões de Almeida (1991), uma dúvida frequente nos educadores de geografia é a de “como ensinar geografia?”.

Nesse sentido, Cavalcanti (1999), apoiando-se em Kaercher (1997) afirma que para que possamos realizar um ensino dinâmico, reflexivo e crítico, característico da geografia, é necessário “ênfatisar a criação e aliar informação com reflexão”.

Assim, nossa proposta é a de trazer para a discussão a importância da elaboração de recursos didáticos como um suporte no processo de ensino-aprendizagem de geografia.

Acreditamos que o ensino, se torne ainda mais rico quando dinâmico diversificado e construído a partir do olhar e da participação do aluno. Além disso, essa diversificação, bem como a citada construção, são suportes imprescindíveis para a ruptura com o modelo de ensino tradicional como única e principal forma de ensinar.

Nesse contexto, Vesentini (2009) afirma que a prática do ensino de geografia consegue sucesso a partir de uma contextualização da prática do ensino em tempo e espaço, no que diz respeito à escola, ao ensino e aos alunos.

Diante desta explanação, o presente trabalho se desenvolve com alunos do 7º ano da Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, localizada na cidade de Pedro Osório/RS.

A escolha da escola se deu pelo fato que esta se mostrou disponível e parceira para a execução desta prática a partir do autor deste trabalho que, exerce suas funções docentes na mesma.

Sendo assim, optamos em desenvolver a atividade com um 7º ano, pois os temas “A industrialização do Brasil” e “A regionalização do Brasil” estão inseridos no conteúdo programático deste nível. Ambos os conteúdos se encontram em sequência e, ressaltamos que entendemos como importante, em conformidade com Cavalcanti (1999), que uma prática trabalhada em sala de aula ligue diretamente um conteúdo ao outro (pelo menos que um justifique e introduza o outro).

Diante desta explanação, este trabalho tem por objetivo geral promover a discussão sobre alternativas de desenvolvimento de atividades didáticas voltadas ao ensino de geografia.

Quanto aos objetivos específicos, temos: discutir sobre a importância da elaboração de recursos didáticos para o ensino de geografia; elaborar recursos didáticos buscando a dinamização do processo de ensino-aprendizagem e, por fim, trazer a tona uma discussão frente aos conteúdos propostos com base no material elaborado.

Nesse contexto, acreditamos que a elaboração de recursos didáticos a partir do olhar e participação do aluno, tem um papel *sinequa non* para o entendimento da realidade e formação crítica do cidadão. Assim, as reflexões fornecidas pela análise e leitura do material elaborado têm a função de aproximação do conteúdo programático com a realidade, ou seja, teoria e prática nas suas devidas funções.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente foi realizada uma revisão de literatura a fim de fundamentar o tema da pesquisa, bem como fundamentar a prática a ser desenvolvida com os alunos.

Frente a proposta, no dia sete de abril de 2015, os alunos do 7º ano da Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus foram orientados a guardar/juntar embalagens e/ou rótulos de produtos consumidos em suas residências.

Em seguida, os mesmos alunos foram orientados a levarem para a aula tais embalagens/rótulos. A partir daí foram divididos em quatro grupos contendo seis integrantes em cada.

Dentro destes grupos, os alunos misturaram as embalagens/rótulos trazidas e, após, agruparam as embalagens/rótulos de acordo com as informações do local de produção dos produtos que estas representavam. Este agrupamento se deu dentro das cinco regiões político administrativas do Brasil (classes de separação).

Após as embalagens serem agrupadas dentro das respectivas regiões, estas foram prendidas em cartazes que, representavam cada uma das cinco regiões político administrativas do Brasil (um cartaz para a região sul, um para o sudeste, e assim sucessivamente).

Após os cartazes confeccionados, foi realizada uma discussão e reflexão frente ao material construído, fazendo a relação com o conteúdo desenvolvido até o momento.

Por fim, foi solicitado aos alunos que dissertassem uma reflexão breve, sobre a discussão realizada. Estas reflexões também serviram como suporte para a análise do conteúdo desenvolvido e sua contribuição no processo de ensino-aprendizado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Com os cartazes expostos a todo o grupo, iniciamos as análises, discussões e reflexões frente ao material elaborado.

Cabe aqui ressaltar que uma base teórica já havia sido trabalhada em sala de aula referente aos conteúdos programáticos balizadores da atividade.

Neste sentido, as primeiras explicações advindas do professor, foram breves “provocações” aos alunos sobre a organização das informações daqueles cartazes que ali estavam expostos.

O ponto inicial explorado pelos alunos frente ao material foi exatamente às questões que dizem respeito à distribuição da industrialização no Brasil.

Portanto, após as “provocações” iniciais do professor, os alunos trouxeram à tona a questão de que os cartazes que representavam a região sudeste estavam muito mais carregados de embalagens em relação aos demais.

Vale ressaltar que esta percepção já vinha se construindo no momento da separação e agrupamento das embalagens quando a maioria dos alunos dizia *“olha tudo o que deu para o sudeste”*. Isso também se faz bastante presente nas reflexões finais dissertada pelos alunos.

A partir deste momento, os estudos teóricos realizados, passaram a ser alvo de testes práticos pelos alunos com a ajuda do material, como uma espécie de verificação da confiabilidade das informações estudadas.

Isso passou a ficar ainda mais evidente quando os alunos, relatando as suas percepções, explanavam que as embalagens que constavam na região centro-oeste, na sua esmagadora maioria, eram produzidas nos estados centrais da região.

Logo, se evidenciava o vazio demográfico que os estados do oeste brasileiro representam, muito em virtude das práticas econômicas que predominam naquele local. Nesse contexto, os aspectos físicos (relevo, vegetação, hidrografia, dentre outros) bem como os humanos (migrações, cultura, economia) da região passaram a ser debatidos.

Voltando ao sudeste, os alunos explanavam e evidenciavam que esta região é a região mais industrializada do país, afirmando que os produtos advindos dali, consumidos por eles próprios, na sua maioria são processados industrialmente, conforme afirmavam ao observar as embalagens no cartaz. Os exemplos utilizados foram o creme dental e o famoso e adorado salgadinho.

Voltando ao contexto dos vazios demográficos que o território nacional apresenta, a discussão voltou-se desta vez, para a região norte. E esta, no entanto, foi alvo de uma grande surpresa por grande parte dos alunos. A dúvida, frente a esta região, foi unânime e representada da seguinte forma: *“Nós não temos nada que vem da região norte?”* E nesse momento, foi orientado que os alunos retirassem do seu bolso o por vezes tão contestado na sala de aula telefone celular.

Nesse momento, os alunos puderam analisar que a bateria dos seus celulares advém da Zona franca de Manaus. *“Mas o que é a Zona Franca de Manaus?”*, espontaneamente perguntavam os alunos. Nesse contexto, além de explanar sobre o tema acima citado, concluiu-se que sim, em nossas residências, em grande parte nos eletrônicos, possuímos produtos da região norte.

Ainda, nesta discussão foi possível situar os alunos frente à época e o contexto de criação da Zona Franca de Manaus, bem como suas características, objetivos e “regalias fiscais”.

Assim, esta foi mais uma forma de observar na prática o que a teoria, no que se refere aos períodos da industrialização brasileira (ditadura militar neste caso), nos mostra.

Nessa dinâmica de discussão, o assunto se estendeu para as características físicas da região (já que o bioma é um dos motivos do vazio demográfico da região), bem como os problemas que a natureza local vem enfrentando (como o desmatamento), e quais as consequências negativas que isso pode trazer para a sociedade.

Na região nordeste, os alunos puderam verificar a produção de alimentícios básicos, como uma marca de macarrão bastante utilizada por todos os alunos. Porém, foi estendida uma discussão de caráter mais físico frente a esta região, principalmente sobre aquela visão tradicional comum de que *“o nordeste é seco”*, como foi afirmado. Dessa forma, foi possível desmistificar alguns pré-conceitos sobre aspectos físicos da região.

Por fim, a discussão voltou-se a região sul e, esta se enriqueceu ainda mais. A primeira discussão se deu em torno da erva-mate. Cultura e economia foram os primeiros eixos norteadores para promover a discussão.

Logo, a conversa se estendeu ao ponto de ter sido levantada, pelos alunos, a questão do consumo local, através da explanação que afirmava que *“se nós fossemos nordestinos, o cardápio do nordeste ia ser diferente do que está, porque as comidas que iríamos preparar para comer seriam diferentes”*.

Ainda, se pode dialogar de modo bem instigante sobre o clima, pois foi trazida à tona a questão da presença de medicamentos para combater resfriado na região sul. Os alunos destacaram que estes foram comprados recentemente, em face da transição para o “rigoroso” inverno do sul.

Assim, foi possível perceber aspectos gerais não só da industrialização brasileira (o que, onde e porque é produzido determinado produto), mas aspectos gerais das regiões do Brasil. Isso confirma a necessidade da promoção de uma prática em sala de aula que considere a realidade em que o aluno também vivencia independente do eixo temático a ser abordado. Os recursos didáticos são fortes aliados na promoção de um ensino-aprendizado em geografia mais prazeroso.

## CONCLUSÃO

Diante deste contexto, podemos observar o quão importante se faz a elaboração e construção de recursos didáticos que diversifiquem a aula de geografia.

É possível analisar a importância desta questão, pois, conforme as explicações acima, o trabalho sob o material, trouxe um momento que ligou os conteúdos a serem trabalhados. Ou seja, uniu teoria e prática, trazendo um sentido de forma simples a aquilo que faz parte do nosso cotidiano, de modo a contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

Com certeza, este foi um momento de total aprendizagem em sala de aula frente a inúmeros aspectos. Isso é geografia: crítica, real e “mobilizadora”.

Desta forma, nos desprender das amarras do ensino tradicional e seus ditames, diante desta explanação, além de essencial, se mostra possível, simples e acessível.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, R. D. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. **Revista Terra Livre** - Prática de ensino de geografia, São Paulo, nº. 8, 83-90 p., abril de 1991.

CAVALCANTI, L. S. Propostas curriculares de Geografia no Ensino: algumas referências de análise. **Revista Terra Livre** – As transformações no mundo da educação: geografia, Ensino e Responsabilidade Social, São Paulo, nº 14, 111-128 p., jan/jul 1999.

VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.